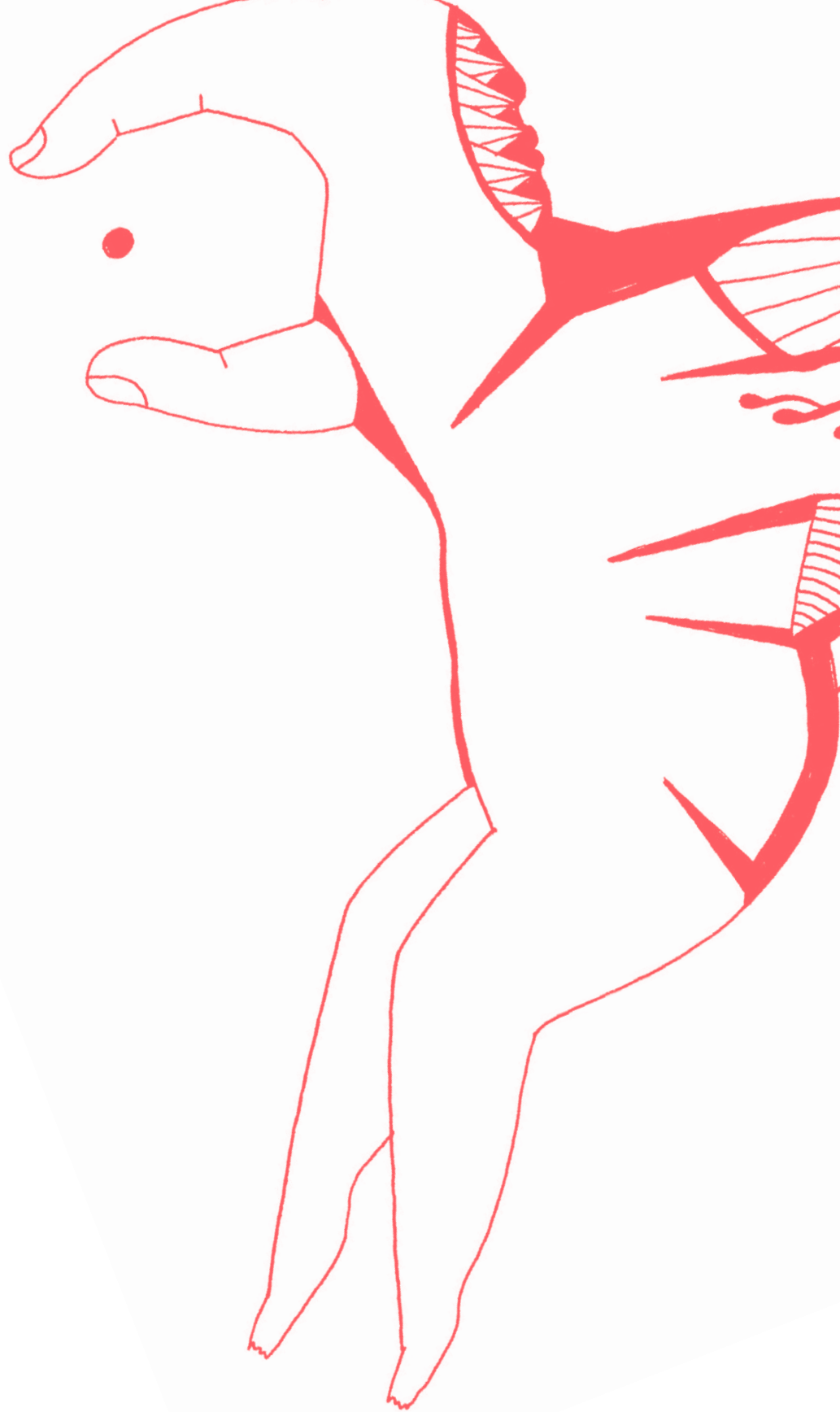




Fazer a alegria





Impressionam-me as pessoas que fazem alegria a partir de quase nada. Gente cuja vida parece não ter generosidade alguma, mas que, ainda assim, manifesta uma gratidão sincera pela oportunidade de existir. Sempre me penitencio por ser rabugento, indisposto, carente ou sonhador, porque muito disso é só falta de noção do privilégio que tenho, da sorte grande que me sai pela coisa simples de poder o que posso. E tanta gente não pode nada.

Este ano vai acabar e espero que feche um ciclo tristíssimo da minha vida. Quero muito que acabe e me deixe só a dignidade de lembrar quem perdi com uma saudade que seja mais e mais festiva. A saudade cresce para ser uma festa em redor de quem amamos. Porque a dor tem de descer para serviços mínimos e nós temos de usar o que existiu como alegria repartida pela eternidade. Nossas pessoas eternas têm de significar alegria porque jamais aceitarei que o meu pai ou o meu sobrinho, a Isabel ou o meu irmão signifiquem tristeza. A morte não lhes pode fazer tão grande injustiça.

Assim, farei alegria. Ainda que use a tristeza, farei a mais limpa alegria. Vêm as festas, a família recolhe-se como se

regressada à essência e, por menos que sobre, é fundamental a bravura de alegrar, exactamente porque quem nos falta não pode ser ferido de tristeza. A saudade tem de vir à festa e ser presença que celebra.

Eu, por idade complexa, já quis detestar o Natal. Pelos amuos e pelas sensibilidades extremadas, por ter de andar aos presentes como se fosse tudo de devorar, cansa-me. Mas a idade não pode ser um modo de amargar sem fim. Não vou ser um velho amargo, zangado com tudo, a barafustar acerca de um tempo que se perdeu. Quero ser do tempo que ainda há e prefiro pensar no essencial: a folia das crianças, a saúde de todos e os pinhões. Alguns pinhões fazem mais fortuna do que dinheiro e ouro.

As minhas tias sempre me diziam para rezar. Reza ao teu irmão, ao teu pai, aos teus avós. E eu complicava tudo a pensar em como vale ou não vale a pena rezar aos que partiram. Mas hoje sei que a alegria é a coisa que mais reza. Se Deus existir, nossa alegria haverá de ser aquilo que mais lhe reza. Por ser sinal de gratidão. Eu quero passar as festas grato. Porque ainda há família e a memória da família. Porque ainda há mais tempo para contar acerca de tudo quanto fizemos, fazemos, amámos e continuamos a amar.

Devo gostar muito desta época do ano porque, mesmo com dúvidas, invariavelmente, me dá vontade de começar um livro, pensar no lindo de inventar coisas com a mesma

emoção criança com que procurava respostas quando era jovem e tinha tudo por fazer. A alegria, na verdade, já vinha feita só nessa ansiedade. A alegria já estava nessa expectativa que tremia meu corpo inteiro quando me sentava quieto auscultando ideias para um livro que, naquele tempo, não escrevera, não tinha garantia nenhuma de saber escrever. Era o futuro todo um enigma. E esse enigma motivava ao esforço.

Pois, quero estar sempre diante do enigma. E sempre capaz da motivação. Para que a cada instante se faça alegria e essa seja a minha mais abundante retribuição aos que não cessam de me buscar, aos que não cessam de me amar.





Isabel Lhano

Não sei se a morte te deixa imaginar alguma coisa, mas um resto de fé me leva a crer que sim. Preciso disso, para que, à ausência de notícias, possas ainda estar certa de que me fazes tanta falta que nem acredito ter chegado aqui sozinho, como se fosse normal não vires mais à conversa, não saberes o caminho do café.

Estou de cama com a gripe esquisita que agora dá a toda a gente. Passei o inverno incólume, ainda que em multidões constantes, e fui apanhar isto à Croácia, convencido de que a primavera me garantia já a salvação. Mas tu sabes bem que sou das gripes. Se não fossem as vacinas, ia passar meses deitado, como era antigamente.

É a primeira vez que caio de cama desde que estás na morte. E é a primeira vez que me torço à noite, sem haver a quem ligar às três da madrugada com os mesmos hábitos vampiros que tenho eu. Disse-o a alguém, há dias. Que às três da manhã a solidão se pôs insuportável. Porque estavas sempre lá para debatermos a vida. E era assim a normalidade. Agora, a normalidade, o que resta, caduca muito cedo. Talvez

às onze da noite já só fique o desamparo da imensa escuridão e a esperança magoada de haver uma manhã por vir de novo.

São as três. O teu silêncio tem o tamanho do meu medo e da tristeza toda.

Estás na morte. Digo que estás na morte porque sinto que é um lugar onde ainda vou chegar, quando descobrir o caminho, entender o mapa. A morte não pode ser aquele monte de cinzas guardado que nos entregaram, como especiarias orientais, um caril escuro que amarga todos os beijos que restam. Onde é a morte, pergunto. Onde é. Para passar por aí, a ver como estás, como fiz quando foste para Coura e não era tão longe que não pudéssemos rir dos bichos a farejar por toda a parte e da porcaria das vespas asiáticas que imitam perfeitos aviões jumbo, cheias de filhos nos bojos para dominar as matas e assassinar a humanidade.

Eu penso que a morte é um lugar por dentro de nós, um território mapeado no caminho interior que todos temos e tememos. Para lá chegar, por semelhança, basta deitar ao sono. Mas revolta-me adormecer porque o sonho mente e eu não procuro ilusões. Estou tão cansado e zangado que não preciso senão da verdade. Respondo nos sonhos com bastante violência. Digo palavrões e estou sempre aos berros para protestar e fazer com que não me amem mais. Essa ideia

do amor é muito terrível para corações em luto. Algumas pessoas estão convencidas de que te deitámos à terra, e eu não argumento. Todas as ideias são de uma beleza triste. Para a evidência de não estares aqui, tudo me vale por igual.

Só não vale dizer que és aquelas cinzas que nos devolve-ram. Não vale dizer que te queimaram.

Existem laranjeiras abundantes. Fumegam suas flores brancas, fogueiam suas laranjas. Fogos redondíssimos como pequenos planetas de lava fresca e doce. E habitam as bocas dos mortos nesses planetas-laranjas, matando também a sede como se mais coisas morressem a cada passo. Não sei se és ainda mulher ou laranja.

Senti que os calafrios eram uma corrente de ar que vinha de sob a pele. Uma abertura pelo corpo todo que deita ao mundo a tempestade. Uma que nasce de mim. Meço a temperatura e quase se nota nada. Tenho mais medo do que dor. Eu não sei estar doente porque qualquer ínfimo adoecimento me desespera e eu sou de vocação para refilar e desistir de tudo. Sou amuado.

Devo estar uma pessoa pior porque amuo. Amuo até diante da beleza. Sei bem das coisas belas, mas ofendem-me mais ainda. Sobre tudo as pessoas. As pessoas muito

belas e saudáveis, cheias de movimentos e com ar de quem ainda abraça, deixam-me frustrado. Queria muito que, por uns meses, talvez por uns anos, ninguém fosse bonito nem amasse. Devia haver só missas e aulas de jardinagem. Coisas das revistas domésticas dos anos de 1940. A humanidade inteira em modo imaculado, penitenciada por acontecer a tua morte. Estou meio contra tudo aquilo de que sabes que sou a favor. Só de maldade. Não posso abdicar de uma maldade pequena para me vingar disto. Estou sempre a espirrar, os pulmões inflam como balões, parecem acender, como nos poemas do Jorge Melícias, e gemo igual aos cães. Estou desumano de raiva e cansaço. A tua morte faz-me bicho e cansa-me. Estou farto. Por vezes, zangado contigo. Foste sempre à pressa. A falar em cima dos outros, a despachar os teus interesses, a mandar vir, a refilar. A comer. Comias como se te mexessem no prato. Quase tomavas dois garfos. Eras intensa e num abismo. Não paravas de cair. Depois, virávamos a noite e, quando abria a primeira luz, tínhamos vergonha. Que nojo, aquela luzinha fresca a derreter nossos negrumes. Nossas armaduras vampiras, o som do rock ainda nos ouvidos. Que nojo, as mortes das noites. Quando regressávamos a casa a dizer só palavrões e já também sem sentido. E tu sempre à pressa. Dizias: baby, quero ver-te com cinquenta anos a dançar o que eu dancei. Mas eu nunca dancei. Era preciso que acertassem nos Sonic Youth para que eu abanasse além de uma troca de pescoço da esquerda para a direita. Eu queria tanto ter sido mais feliz.

Mas não sabia sê-lo. Tu sabias. Por isso é que tantas vezes te tornavas insuportável. Em velocidade. Ias de cabeça vermelha, fogo autêntico, a incendiar o mundo. Até o polícia se assustou naquela manhã em que se espantava por eu não beber e hesitava deixar-me seguir porque todos no carro iam bêbados e tu gritavas: ó policinha, esse gajo é um santo. Vai-te embora, ó policinha. Esse gajo é um santo e está a ver se nos desvia do inferno. Depois, despenteavas o cabelo pela janela fora e era ainda pouca a claridade, mas dava a impressão de te incandescerem os gestos, pequenos fogos que se deitavam ao chão. O polícia não entendeu nada. Pensou que eu seria como um taxista, mandado a serviço para vos buscar à desgraça acautelada da noite. Não acreditou que um tipo pudesse ser pós-apocalíptico, pós-gótico, punk articulado, sustentado a água natural sem gás.

Penso agora que foste a única pessoa no mundo que nunca me incentivou a beber ou a fumar. Havia em ti uma paz sincera em relação ao meu jeito desintoxicado. De todo o modo, sabias que eu comia demasiado açúcar e estava invariavelmente com a cabeça num poema. Não me assistia convenção alguma. Era o suficiente para ser tão bizarro quanto todos e para me destruir com lentidão, fosse por não querer mais saber, fosse por ternura em demasia.

Acabaram as noites longas. Fico pela terra. Já não vou ao Porto a altas horas, onde o corpo se gasta com violência. Mas o Ramiro agora está muito de férias. Vivo a queixar-me. O café

chega a fechar quinze dias seguidos. A culpa é do amor pela Maria José. Apaixonou-se e agora quer fazer praia. A verdade é que o café fecha muito e nós ficamos como gatos vadios sem canto. Não consigo ser feliz num café qualquer. Quero a nossa mesa, a minha cadeira. Estou velho o bastante para odiar que me impeçam as rotinas. E a felicidade do Ramiro e da Maria José, sendo tão legítima e merecida, atrapalha-me a estabilidade, deixa-me mais carente.

O Castiço pintou o teu retrato. A ideia é que fique em alguma parede. Mas é cedo para que te vejam ali sem que sejas tu de verdade. Eu, de outro modo, posso bem ver-te. Dá-me um pasmo qualquer, não sei. É como ver uma figura inevitável. Nem de olhos fechados cesso de te ter diante de mim. Que importa se há o retrato ou não. Mas é verdade que algumas pessoas choram. Parece mesmo a missa. Ficam a fazer contas por dentro, meditam, devem fazer orações. Tu ias odiar. É um velório. Ao invés de se rirem, as pessoas choram. Eu já avisei que à minha morte quero que as pessoas se riam. Disse-o em várias apresentações do meu livro. Se souberem que morri, alegrem-se. Deixo-vos o conforto de estarem certos de que considero que a vida me deu muito mais do que esperei. Sou um privilegiado. Vi metade do mundo. Fui e sou muito amado. Desejo a todos um tanto do que tenho ou tive. Por mais difícil, vale a pena. Valeu a pena. Assim, não se entristeçam.

Celebrem. Se morrer, ficarei a salvo por fim. Espero alegria e espero que se amem mais uns aos outros, que é o que nos justifica a cada instante. Mas não me façam velórios, dramas deprimentes, não quero flores cortadas, mortas. Eu odeio o cheiro das flores, faz-me doer a cabeça. E sofro com perfumes. Tanta gente se perfumou para me vir dar um abraço e lamentar que tu foste embora.

Algumas pessoas avisavam: ele não gosta de abraços. Eu não gosto que me agarrem, que me toquem na cabeça, que me apertem, me retenham, detenham, demorem, falem alto, cheirem. Eu não suporto como se perfumam algumas pessoas a exalar para uma sala inteira. Sinto náuseas. E quem fez questão de me abraçar deixou a minha roupa impregnada e eu fui aumentando minhas dores de cabeça até ser inferno por toda a parte. E havia sempre quem avisasse: ele não gosta de abraços. E alguém me abraçava assim mesmo, como se fizesse exceção pelo tamanho da tristeza. Parece o estupro de alguém inconsciente. Não vai saber. Não vai sentir mais nada. Está cada vez mais ao abandono em sua profunda dor.

Eu avisei para não trazerem flores decepadas. Melhor que trouxessem vasos, plantas vivas ainda com mais para viverem. De todo o modo, ficou aquele cheiro de velório no ar. A filha da mãe da alfazema, que deve ser o cheiro mais nojento do mundo, feito de um lavadinho enjoativo que sempre me faz

ver os mortos estendidos em caixões. E as florinhas ficaram ali de cabeças ao ar e toda a gente suspirava e queria soluções, mas a morte não dá solução a ninguém. É uma merda na qual se afunda sem mais sentido do que esse mesmo, o de afundar. E eu estive em conversas, apaziguando estes e aqueles, e também me apeteceu barafustar. O que farias tu: baby, já fui muito tramada por aí. Mais vale que falemos à mesa do café, a pedir erdingers e a verificar como só as raparigas têm bom gosto. Os rapazes andam pelas ruas da amargura. São destituídos.

No café, agora, são todos pouco binários. O povo novo é ainda mais esquisito do que nós. Não entendo ninguém. Parece-me que só ouvem porcarias de embalar, isso continua a desgostar-me, mas adoro que o desuso da binariedade se revele numa certa movida punk. No nosso tempo, éramos punks e dormíamos uns com os outros sem perguntar muita coisa nem confessar. Agora, parece que se comem menos e quando o fazem metem requerimento para usos e costumes. Solicitam pronomes e devem anotar procedimentos. Talvez estipulem tempos, melhores lados, feng shuis galegos, lençóis de padrão tigre, palavras de segurança quando lhes falta o ar. Algemas. Eu estou convencido de que o povo novo usa muitas algemas. No nosso tempo, oferecíamos aquelas de pelúcia, mas era para brincar. Não sei de ninguém que tenha tido tesão com aquilo. De todo o modo, aos olhos, o povo novo é

uma maravilha. São como aves, cheios de coisas extras, merdinhas ao dependuro, malhas, rendas, transparências ou cabelos estragados com tinta de parede. Adoro. Adoro que não se permitam entender nem se expliquem. Lembras-te de combinar contigo que queria fazer um guiché de admissão no café para submeter cada pessoa a um inquérito rigoroso. Faltas-me tu para me apoiares, porque já o disse ao Ramiro e à Maria José e não creio que me levem a sério. Nós, como os velhos do lugar, detentores da memória e responsáveis por tanta alegria ali passada, devíamos ter ao menos o direito de fazer a ficha de cada um e cada uma. Policiar aquilo tudo, tipo inspectores e bufos, só para criar agitação e conhecimento. Estou muito de acordo que venham ao nosso café, e mais ainda quando se trata de um povo esquisito. Mas podemos correr perigo de morte, podemos não estar atentos a sinais psicóticos e assassinos, furiosos, pervertidos ou até capadores, que nos escapam observando desde a nossa mesa. Assim, o Ramiro devia impor que o povo novo fosse chamado para uma entrevista comigo. Claro, comigo, que nunca bebi álcool e sou o mais lúcido dos clientes. E eu perguntaria aos pouco binários que é das suas vidas. O que pensam, contra que fascistas são, onde compram os anéis, porque é que andam com os pés para dentro e os olhos no chão. Aproveitaria para os mandar ouvir Mão Morta e dava-lhes até uma moeda para juntarem ao preço de um livro. A última juventude que pegou num livro foi a dos

pacotinhos. Os pacotinhos, hoje, são médicos. Imagina. Até me custa acreditar. Eram tão mocinhos, todos ajeitadinhos aos beijos, a começar tudo como florinhas de perfume leve, e depois separaram-se e já cresceram tanto que ainda me vão ver o fígado no Hospital Pedro Hispano. Até os pacotinhos cresceram. Já quase não falta crescer ninguém. Ou eu é que só consigo ver a velhice.

Passou um moço com uma renda e uma espécie de saia. Viam-se-lhe os mamilos, iguaizinhos a botões de uma aparelhagem de som. Deviam servir para subir e descer o volume, eventualmente calibrar os baixos. Tinha o cabelo verde escorrido para os pés. Alguma coisa desolada se traduz no seu jeito. Eu adoro gente de estilo desolado por opção. Gente com uma depressão que anima, como diz a canção. Como estou de barba branca, uma aberração que dá até numa geração que foi feita só de vanguardas, a mocidade não olha para mim e não me explica nada. Depois, alguém problematizava a ambiguidade do povo novo perguntando: quem come. Era a pergunta. Quem come uma pessoa atravessada entre o que alude a um homem e uma mulher. As tradições são entusiastas da diferença entre homem e mulher. O futuro começa a fazer saber que as convenções antigas estão sem préstimo. Além do que a biologia decide, tudo o resto é cultura e a cultura tem de ser liberdade. Como alguém insistia em saber quem come, eu disse:



todos comem. Se é no meio do muro, todos vão comer um bocado até que entendam que podem comer tudo. Estou sem paciência. Como me mantenho tímido e tu não estás para ir buscar abraços e números de telefone, os engates diminuíram e não sei o nome de ninguém. Falta-nos a força bruta. Só restamos os lingrinhas.

Houve uns temporais bravos. Umas inundações e tudo. O vento vinha à minha janela como um bicho. Às três da manhã, sem te poder ligar, eu quase me convenci de que eras por ali a bater de encontro às paredes como se continuasses a pedir socorro. Eu sei que agora só te temos em cinzas, mas não cesso de esperar que voltes de algum modo, como quando senti o quadro do Albuquerque Mendes a ser puxado para trás. Foi tão estranho. Saí da homenagem que te fizeram, trazia o quadro que a Fátima Carvalho me deu e alguém mo puxou claramente. Era uma brincadeira. Senti. Algo divertido. Mas não havia ninguém na rua. Eu estava sozinho. Carregava o pequeno quadro e seguia na minha tristeza a pensar, inevitavelmente, que melhor seria que morressem gatinhos em toda a parte, e o quadro levou

um puxão. Uma força lhe deu que me obrigou a parar. Achei que seria a Laidinha, porque ela estivera à conversa comigo. Ou a Serafina. Mas não havia ali ninguém. Passei a pensar que foste tu. Estavas ali de fantasma, como nos filmes. Perguntei: e se a Isabel agora for um fantasma. Seria magnífico. A simples certeza de te saber algures, como quando desaparecias no Maus Hábitos, a passar de umas salas para as outras, a pedir cervejas e a estender as horas, quando eu queria tanto vir embora para levantar cedo e trabalhar nas minhas coisas, essa simples certeza seria perfeita.

Tu sabes que eu anseio por mudanças de vida, tempos de maravilha novos, com mais mundo. Contudo, o mundo começou por diminuir com a tua morte. Ficou do tamanho de um punho fechado, sobretudo batendo duro de encontro ao peito. Depois, lentamente, foi abrindo e virou infinidade. Muito mais mundo porque agora não há caminho para ti por ser tudo tão à distância. És a pura lonjura. Estás para lá de Paredes de Coura, para lá do segredo de Paredes de Coura, daquela clausura, do confinamento da pandemia. Estás depois de qualquer lugar e qualquer ideia que antes nos tenha servido de refúgio.

Tenho a impressão de que preciso de sair daqui. Sair de onde estou. Deixar o perímetro de Vila do Conde. Fugir. Há tempos, confessava que sou, afinal, à procura da minha

origem. Nasci em Angola, meus pais são de Guimarães, passei a infância em Paços de Ferreira, parti ao meio o meu coração com o Brasil, estou há quarenta anos em Vila do Conde, minha casa é em Barcelos, o sonho de meus pais era viver na Póvoa de Varzim, e eu julguei que o sentido de tudo estaria no Porto. Adoraria passar um tempo longo na Islândia, em Paris, em Teerão, em Jerusalém, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Salvador, em Paredes de Coura.

Quando era pequeno, a família vinha para a Póvoa de Varzim aos fins-de-semana. Chegar à Póvoa era como chegar à terra da felicidade. Havia férias e praia. Não havia uso de tristeza. Eu pensava que as outras terras existiam para a tristeza, para o trabalho e para a escola, para ter sarampo e varicela, gripes, pessoas más. A gente vinha no carro lento e eu esperava encontrar a placa que dissesse que ali já era a Póvoa. E via as casas quietas pelo caminho, pensando: triste, casa triste, triste, lugar triste, terra triste, muito triste. Depois, subitamente, assim que terminava Vila do Conde, eu dizia: a terra feliz. Era a Póvoa de Varzim. Em Vila do Conde, sofre-se. Até me irrita que me venham falar da beleza aristocrática da cidade, o engalanado das suas ruas. Só sublinha o quanto me magoa. O quanto parece desimportar-se com o terrível que vai nas vidas das pessoas.

Tenho saudades do meu pai, mesmo que ele não fosse de conversas. Porque tenho saudades de estarmos todos vivos e juntos e de isto ser a começar e não haver garantia nenhuma,

mas também não haver fim. Eu não ia ser nada de nada. Ia trabalhar nas obras a carregar baldes de areia. Pensei nisso mil vezes e quase me afeiçoei à ideia. Julguei que casaria com uma moça que me berraria noite e dia, faríamos os almoços de domingo na casa da sua mãe, escutaria como se haveria de queixar de minha lentidão e alma poética, eu ia viciar-me em cerveja, acabaria por cair da obra, despencando de um quinto andar a ver ao longe o mar, talvez os prédios altos da Póvoa onde a minha alma secaria como roupa num varal para a eternidade. Pouco importa. O tamanho da vida está todo dentro do amor. Se amarmos, somos extensos, infinitos. Se não amarmos, recolhemos como bocadinhos de poeira sem sentido, sem valor. Queria ser da Póvoa de Varzim porque queria que estivéssemos todos vivos, convencidos de um destino em companhia, e que houvesse lugar apenas para a alegria.

Penso que a única ideia que tenho de voltar para casa é a de voltar para junto da minha mãe. Um dia que a minha mãe não esteja, ficarei desabrigado para sempre. Não terei como ir embora. Não haverá nada que cubra meu corpo. Estarei para sempre na rua, deitado ao mundo como jogado fora.

Estou perto de chegar à idade adulta. Conversei muito contigo sobre aquele artigo americano. Os homens são adultos aos cinquenta e quatro anos de idade. Eu guardo

esperança nesse prazo que conta. Porque sinto que nada em mim me prepara para a adultez. Sou um catraio. Fico ao abandono em cada instante. Não tenho valentia para quase nada. Se um dia for viver para a Póvoa de Varzim, eu vou levantar o orgulho que a minha mãe sente de passear por ali e contar que o fazia desde pequenina, com as irmãs, felizes pelo fidalgo de terem férias, mudadas por meses para a praia a ver se melhoravam os pulmões salvos dos invernos horríveis de outrora. Julgo que serei adulto quando souber onde montar a minha última casa. A mostrar como o sonho dos meus pais me educou para a felicidade e eu não fiz senão escolher a felicidade. Nem que não volte a rir.

Mas tenho rido. Fui trabalhar a Lisboa acompanhado do Pedro Colaço. Entre falarmos de mulheres e falarmos de livros e mais sushi e nervos, chegámos aflitos para urinar e correremos naquelas galerias onde fica a Fnac do Chiado. Havia fila. Esperámos. Vagaram dois lugares quase ao mesmo tempo. Precipitámo-nos ambos e urinámos. Por um instante, eu não entendi nada. Subitamente, o Pedro fazia um barulho que parecia esganar um gato. Era de uma chinfrineira urgente que aquilo só se justifica por ser um jovem de trinta anos. Aos cinquenta e dois anos de idade eu faço com elegância. Poderia ser usado em publicidades de televisão. Eu ainda lhe perguntei se ele tinha um bicho nas cuecas. Tínhamos vindo de carro

por horas, se houvesse ali um gato haveria de estar furioso e nauseado. Foi o último ataque de riso que tive. E eu não queria rir tanto, porque a minha vida anda uma porcaria gigante e eu não penso que mereça graça. Mas não aguentei. Sucumbi. Ri. Depois, fui secretamente a remoer como se te tivesse traído. Com vergonha do teu fantasma, que poderia estar por ali a espiar, até a ver-me entre pernas, sem que eu possa esconder-me. Se for como nos filmes, os mortos vêm através das paredes, vêm de costas, são umas fumaças que entram em toda a parte. Os vivos ficam à mercê. Expostos como sempre nus. Como comida para devorar. Eu queria tanto ter-te contado que o Pedro Colaço a mijar parece esganar gatos que chorei quieto, mais tarde, no hotel, enquanto ria de saber que ias rir também. Depois, ias tossir. Ias mandar-me calar porque te ia doer a barriga e ias querer piedade.

Nós, que sobrevivemos na ingenuidade, atarefados com salvar cada dia, tão ternos a pensar em pequenas felicidades, sempre carentes, devemos ser a comédia fulgurante dos mortos, que estarão debruçados aqui para baixo à escuta, rindo certamente do que dizemos de burro e equivocado. Que verás tu. Como tenho o quarto desarrumado, onde tenho os teus quadros, alguns embalados porque não me sobram paredes, alguns em tanta vizinhança. Tu odeias paredes cheias. Tens a mania da respiração. Mas eu sou barroco, sou um maximalista,

acumulador, atrapalhado e até desesperado. Gosto da aflição de quase nem caber na casa.

Ando sem caber em lugar algum.

Estive a debater com o Nélcio Paulo a estranheza de redobrar a impressão de ser vigiado. Contigo na morte, a ideia de ser visto aumenta, porque não posso conceber que te esqueças dos hábitos e não me acompanhes por graça, vício, raiva ou saudade. O Nélcio Paulo, tu sabes, é distraído. Ele não daria conta se a Virgem Maria lhe aparecesse a espichar raios laser, a faiscar arcos-íris pelas orelhas, toda igual ao sol preparada para dizer segredos e fazer milagres. Se a Virgem Maria aparecer ao Nélcio Paulo, ele vai perguntar-lhe as horas e agradecer. Vai ser o vidente menos atento da história. E vai beber o seu café em paz, sem necessidade da transcendência para ser feliz e sorrir. Por outro lado, eu cato sinais. Estou tísico de ficar atento. Se alguma coisa milagrar, eu vou ver. Eu vou ver o mais ínfimo milagre. Não desperdiçarei nada. A Virgem Maria, comigo, poderia economizar nas luminárias. Eu estou convencido de que a reconheceria numa ínfima cintilação do olhar. Assim como te reconheceria na mais estranha manifestação possível. Qualquer coisa que uses para me falar, eu saberei. Sei que estás na morte, mas isso jamais me impedirá de te esperar.